

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

INCLUIR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: É POSSÍVEL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Geovana Patias Somavilla

Santa Maria, RS, Brasil

2013

INCLUIR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: É POSSÍVEL

Geovana Patias Somavilla

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil
Da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, como requisito
parcial para obtenção do título de
Especialista em Educação Infantil

Orientadora: Cleonice Maria Tomazzetti

Santa Maria, RS, Brasil

2013

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

INCLUIR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: É POSSÍVEL

elaborado por

Geovana Patias Somavilla

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Cleonice Maria Tomazzetti

Orientadora

Kelly Werle

Sussi Abel Menini Guedes

Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Centro de Educação
Universidade Federal de Santa Maria

INCLUIR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: É POSSÍVEL

Autora: Geovana Patias Somavilla

Orientadora: Cleonice Maria Tomazzetti.

13 de setembro de 2013, UFSM.

Este artigo monográfico tem como tema central a Educação Inclusiva na Educação Infantil, os sujeitos da pesquisa são crianças de cinco anos de idade do pré-B da Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilina Terra, o Objetivo Geral é analisar os desafios enfrentados pelos professores para que assumam e pratiquem uma Educação Inclusiva de fato, e como objetivos específicos se tem: conceitualizar Educação Inclusiva; verificar como acontece a valorização das diversidades; verificar como deveria acontecer o planejamento das praticas pedagógicas inclusivas; identificar os desafios enfrentados pelos professores para implementar uma educação verdadeiramente inclusiva, sendo que a problemática da pesquisa é: como planejar e desenvolver práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilina Terra, na turma de pré-B, no Município de Tupanciretã?

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Diversidade; Educação Infantil, Socialização.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do trabalho monográfico de conclusão de curso de Especialização Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Maria, tem como tema central a Inclusão na Educação Infantil.

A presente pesquisa se justifica, pois a inclusão já é uma realidade nas Escolas e é motivo de várias reflexões de como acontece esta inclusão na prática, bem como os desafios e dificuldades encontrados pelos profissionais da educação que muitas vezes sentem-se despreparados para que a aprendizagem aconteça com todos os aprendizes, para que estes se sintam parte do espaço escolar livre de preconceitos e encontrem condições adequadas para o seu desenvolvimento.

Em alguns casos a inclusão é apenas de “corpo presente”, gerando com isso preconceito e exclusão, na sala de aula e no âmbito escolar em geral, porém a real inclusão requer um crescimento através da convivência, atividades que trabalhem habilidades dinâmicas e recíprocas de aprendizagem, pois cabe à educação propor atividades que propiciem o convívio em meio às diferenças.

Sendo assim, esta pesquisa vem investigar e propor algumas práticas pedagógicas que possam melhorar a aprendizagem dos alunos bem como a qualidade do ambiente escolar, pois este é de grande relevância para que o aluno se sinta parte integrante, tem como problemática: Como planejar e desenvolver práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilina Terra, na turma de pré-B, no Município de Tupanciretã?

O objetivo Geral é analisar os desafios enfrentados pelos professores para que assumam e pratiquem uma Educação Inclusiva de fato, e como objetivos específicos se tem: conceitualizar Educação Inclusiva; verificar como acontece a valorização das diversidades; verificar como deveria acontecer o planejamento das práticas pedagógicas inclusivas; identificar os desafios enfrentados pelos professores para implementar uma educação verdadeiramente inclusiva.

Será feita uma pesquisa de campo que tem como característica a observação de fatos exatamente como ocorre na realidade, com estudo bibliográfico do tema em estudo, fazendo assim uma análise reflexiva da realidade e da teoria.

Num primeiro momento apresento um breve memorial analisando a minha infância com ênfase aos fatos significativos que me fizeram conceber a criança hoje

e a caminhada até a vida profissional como educadora. Num segundo momento apresentarei a teorização sobre o tema, na terceira parte farei uma análise da minha prática enquanto educadora, tendo como ênfase a inclusão na educação infantil e por fim trago as considerações finais sobre o assunto em questão. A pesquisa teve início em março de 2012 e pendurou durante todo o ano letivo de 2012.

2 ANALISANDO A MINHA CAMINHADA

Neste memorial, tentarei ser específica aos eventos mais significativos para a minha profissionalização, pois muitas das experiências que tive na infância foram de suma importância para entender como vejo o modo de “ser criança” na atualidade.

Sou natural de Tupanciretã RS e lá minha infância foi maravilhosa; morava com meus avós que tinham uma madeireira onde costumava brincar no meio das pilhas de madeira; meu avô fazia móveis para eu brincar de casinha.

Ser criança é inventar, imaginar, tudo é possível, uma simples tábua vira uma gangorra, um toco de madeira se transforma em um sofá, dos mais fofos, a fantasia é quem dita às regras, não existe o certo ou errado.

Os meus amigos eram os filhos dos vizinhos, sempre que possível nos reuníamos para brincar. Quando entrei para a escola fui para o jardim da infância em uma escola estadual. Não me recordo muito desta época da escola, talvez por não se tratar de momentos muito significativos.

Lembro é que quando saíamos para ir para casa costumávamos ir todos para minha casa brincar no meio das madeiras, e também dentro da casa com dois sótãos, onde brincávamos de casinha, de aula e foi assim até o ensino fundamental, o que me remonta ao que diz BROUGÉRE “ Não existe na criança uma brincadeira natural, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura,” (2001,p.97).

2.1 Início à docência

Atribuo o ingresso no ensino médio e início a minha docência, devido a ser de classe média, pois fui influenciada a fazer o magistério, assim seria mais fácil conseguir emprego já que a minha família não poderia pagar uma faculdade, mas meu sonho era cursar engenharia civil, o que vem ao encontro com o que diz Gadotti (1987, p. 21),

[...] o homem não é nada mais do que o resultado ou o produto de um jogo de forças, cujos componentes variam de acordo com as escolas, os modos de análises (superego, hereditariedade, meio social, as ideologias).

As crianças vivem o faz de conta como uma constante realidade na infância, nas suas brincadeiras, imitando ações dos adultos e ou criando novas ações a partir da imaginação, criando e fantasiando a partir da realidade que as cerca.

Talvez pela influência de meu avô que fazia móveis para eu brincar com meus amigos, de casinha, com peças de montar e encaixar queria também construir, fazer, projetar e montar casas. Porém isto não estava dentro das possibilidades; então fiz meu primeiro concurso para professora do Ensino Fundamental do município e passei; mas só me chamaram três anos depois.

Talvez se minha família tivesse tido condições de pagar uma faculdade, na época, ou então pagar cursinho, hoje eu não seria professora, mas não sou frustrada por isso ao contrário, com as experiências que tive ao longo do caminho pude perceber o quanto é gratificante ser educadora.

Quando me nomearam (em 2001), fui trabalhar com a pré-escola, a minha primeira prática pedagógica enquanto educadora! Foram momentos difíceis devido à inexperiência e também à falta de condições adequadas, não tínhamos classe, quadro, nem mesmo materiais didáticos como jogos ou brinquedos, a maior dificuldade com as crianças era essa falta de condições de trabalho, pois enquanto alunos eram crianças educadas e carinhosas, interessadas em aprender e conhecer coisas novas.

Esta primeira experiência profissional ocorreu numa turma de PRÉ-B em um assentamento para pessoas atingidas por barragem, chamado PÔR DO SOL. Saía de casa as 5 h, da manhã e chegava à escola as 5h 20 min., então ficava na casa

de uma das crianças até as 8h, quando iniciava o trabalho em sala de aula com a turma que tinha 10 alunos todos com seis anos de idade e outra criança a qual vou me referir a seguir.

A escola era uma casa de madeira com duas peças e não tinha nada de móveis: éramos a casa, as crianças e eu, nesta época, tive uma aluna que me marcou muito, uma menina que tinha problema físico-motor, não caminhava e por isso, não tinha sido aceita em outras escolas, então ela ficou na minha turma de pré-B mesmo tendo uma idade avançada para a faixa etária das outras crianças, tanto que nem mesmo foi feita uma matrícula para ela, a frequência na escola era informal.

O interessante foi ver como as crianças ficaram entrosadas com a nova colega, carregavam-na de carrinho de rolimã, levavam no banheiro, brincavam aonde a turma ia lá estava ela aprendendo e ensinando, enfim foi muito gratificante aquela experiência, senti que houve crescimento recíproco entre as crianças umas aprendiam com as outras.

Eu trabalhava no chão com eles e no campo; minhas colegas costumavam dizer que meus alunos seriam atletas, pois o que mais fazíamos era correr e brincar no campo. E pensando sobre isso, atualmente, consigo entender que “Se queremos uma escola transformadora, precisamos transformar a escola que temos aí. [...]” (Paro 2001, p.10).

Partindo deste princípio, busquei, então, refletir na busca de superar as dificuldades considerando o que tínhamos, enquanto ambiente e experiências dos alunos, para elaborar um ambiente de aprendizagem e socialização, criando possibilidades para nossas próprias construções e criações.

Conforme Vygotsky, em seu conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, é entre o que a criança conhece e os desafios do que ela ainda não sabe que ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, através da interação e troca de experiências.

Somente no meio do ano que recebemos móveis para a escola, a partir daí pude trabalhar mais em sala de aula. Foi um ano muito difícil, mas muito marcante, aprendi muito com aquela turma e é por isso que compreendo o que Freire nos afirma que “... ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire, 2009, p.).É assim que me

sinto “cresci” juntamente com aquelas crianças e até hoje me comunico com a família que me acolheu com tanto carinho.

Assim, meus planos de ser engenheira civil foram sendo vencidos pela realidade, e substituídos por ser professora, me encantei com as crianças e foi então que percebi que “ao ensinar se aprende e aprendendo se ensina” (FREIRE, 2009, p. 69).

Hoje sei como aprendemos com estes pequenos, pois tem sempre algo novo para nos mostrar, desafiar o que faz com que busquemos cada vez mais o aperfeiçoamento, pois como educadores podemos propiciar às crianças momentos onde elas sejam levadas a brincar livre para imaginar e inventar sem modelos pré-estabelecidos.

Trazer atividades que possibilitem, não só às crianças, mas a nós mesmas intensidades criadoras, num espaço criador e transformador do que se tem estabelecido evitando com isso a inércia escolar repetidora.

Sempre acreditei numa escola que possibilite aos envolvidos troca de experiências, onde não se preocupem em transformar as crianças em algo que não são, mas sim propiciar novos inícios que abram espaço para que realmente haja uma interação entre os professores e alunos e entre os próprios alunos. O princípio lúdico que guia a ação e as brincadeiras infantis faz com que a imaginação e a fantasia ajam livremente para criar.

Infelizmente, no decorrer da minha jornada nem todas as experiências foram boas; percebi que nem sempre, como educadores estamos preparados para ajudar os alunos a superar suas dificuldades.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A oferta de educação em sistemas inclusivos, desde o nascimento, e do atendimento educacional especializado, fundamentam-se nos documentos internacionais de direitos da criança ONU (2006), Fórum Mundial de Educação (UNESCO, DAKAR, 2000), Declaração Mundial de Educação Para Todos, Jomtien (1990) e Declaração de Salamanca (1994). A política nacional de educação inclusiva assume as recomendações dessas declarações às quais enfatizam que o êxito da escola inclusiva depende: da identificação e avaliação precoce, da estimulação de crianças com necessidades educativas especiais, desde as primeiras idades, e da preparação da escola como forma de impedir condições incapacitantes.

Os participantes do Fórum de Dakar (2000), entre eles o Brasil, comprometeram-se em alcançar os objetivos e metas de Educação para Todos, para cada cidadão e para cada sociedade. Dentre esses objetivos, destacou-se o de “expandir e melhorar o cuidado e a educação da criança pequena, especialmente das mais vulneráveis e em maior desvantagem” (UNESCO BRASIL, 2004, p.7).

O Censo (2000) evidencia um quadro de exclusão das crianças com deficiência no ensino público: são 370.530 matrículas de crianças na educação infantil na faixa etária de 0-4 anos, das quais apenas 3.845 estão matriculadas em classes regulares e 30.279 em escolas e classes especiais (88,7%). Na pré-escola, há um total de 78.864 de matrículas, sendo que 57.804 (73,3%) encontram-se em escolas ou classes especiais e 21.060 em escolas regulares. A educação infantil precisa, ainda, avançar nesse sentido, uma vez que 80% das matrículas de crianças com deficiência ocorrem em creches e pré-escolas de Instituições Especializadas (MEC/INEP/2007).

Inúmeros são os fatores que contribuem para essa realidade: as condições sociais das crianças e suas famílias, as relações e forças políticas, a cultura de dependência do assistencialismo, da filantropia e principalmente, o conformismo e aceitação de atitudes e práticas excludentes que se iniciam na família e prolongam-se na escola. A este conjunto acrescenta-se, ainda, a lenta expansão das vagas nas instituições públicas de atendimento à criança menor de 6 anos. O avanço foi maior no Ensino Fundamental, sendo que as ações e investimentos tem se voltado há um tempo para a Educação Infantil (EI).

Por isso, ainda temos a necessidade de que os Municípios tracem políticas públicas voltadas para inclusão nessa faixa etária, pois é muito importante que haja a previsão de recursos para EI contemplar a inclusão com qualidade para as crianças com necessidades especiais, desde o Plano Municipal de Educação.

Com as leis de inclusão educacional, sempre recebemos alunos com necessidades especiais na escola regular, sendo que no caso da Educação Infantil esta geralmente é o primeiro lugar em que a criança enfrenta fora do seu vínculo familiar. Conforme a LDB citada na obra de Carneiro (2010).

Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

III. Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino.(CARNEIRO, 2010, p.60).

Primeiramente é preciso esclarecer que qualquer aluno pode apresentar dificuldades de aprendizagem e o professor e a escola em si tem o Dever de adequar o ensino de forma que supra estas dificuldades. Os alunos com necessidades especiais precisam de um apoio especializado e diferenciado para que consigam superar as barras que dificultam a sua aprendizagem.

O apoio especializado deve ser oferecido nas escolas regulares para que esses alunos não sejam segregados e excluídos definitivamente do convívio social, pois uma infância livre de preconceitos requer a convivência com as diferenças, para juntos crescerem em autonomia e tolerância.

Mas, o que seria educação inclusiva, acredita-se que primeiramente é preciso aceitar as pessoas e valorizá-las como elas são com suas diferenças e limitações para, então, a partir desse princípio falar em educação escolar inclusiva que significa primeiramente e acima de tudo dar condições adequadas para que os indivíduos possam se desenvolver em suas diferenças, dar reais oportunidades para que façam parte ativamente do ambiente escolar.

Além da Lei de Diretrizes e Bases tem também os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil que traz a questão da inclusão, mostrando que o primeiro passo já foi dado, porém é preciso muito mais do que uma lei, é necessário um trabalho em conjunto com os pais, professores e alunos para que a escola se torne

um ambiente acolhedor e que desenvolva com princípios primordiais para o desenvolvimento integral da criança com necessidades especiais.

Também não se pode esquecer a importância que tem a Gestão Escolar, pois é a partir das ideias da liderança que tudo acontece ou pelo menos parte, se esta não tiver como princípio transformar a escola como um todo num ambiente de inclusão, fica difícil para que a educação inclusiva aconteça de fato. Conforme Brasil, nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998).

Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação; diretrizes. (BRASIL, p.20, 1998)

Sendo assim me preocupo quanto à falta de preparo que tenho para lidar com estas crianças, a lei, MEC/SEB/COEDI é clara dizendo que é necessário um professor de apoio para cada aluno com necessidade especial. Porém na realidade nem sempre isto acontece, e os professores regentes se sentem despreparados para atender e contribuir para que o aluno realmente receba uma educação para superar as dificuldades de acordo com as necessidades específicas.

Como princípio geral, tem-se que a educação de crianças com necessidades educacionais especiais deve ser realizada em conjunto com as demais crianças, assegurando a estas, o atendimento educacional e especializado mediante avaliação e interação com a família e a comunidade (BRASIL, MEC, p. 16,2006).

Também concordo que, nos espaços de educação infantil, tem momentos e situações privilegiadas para sensibilizar e despertar a criança para a diversidade, as diferenças entre as pessoas, sejam elas físicas, culturais, de gênero, social, intelectuais, bem como para combater as desigualdades e discriminação que as crianças (e suas famílias) com deficiências enfrentam em nosso país.

Na escola onde trabalho, tem uma profissional de educação especial para atender às crianças com necessidades especiais e no ano de 2012, recebi no pré-escolar uma aluna com autismo. No início, fiquei um pouco chocada, nunca tinha convivido com uma criança com este tipo de problema.

Além disso, a situação era nova, também, para as outras crianças e suas famílias, muito em função de que as crianças com necessidades especiais têm agora seus direitos respeitados, tendo maior visibilidade escolar e social, embora sempre tenham existido.

As famílias e as crianças também me surpreenderam, pois só tivemos problema com uma mãe que, no início, não aceitava bem aquela criança “diferente”, mas depois todos aceitaram, a mãe da criança ficou muito feliz por ver o seu filho participando das atividades com as outras crianças.

Foi então que comecei a me questionar sobre o quê e como fazer uma inclusão realmente de fato, sendo que eu mesma me sentia despreparada para aquela situação, inicialmente e aos poucos e com um trabalho em conjunto com a educadora especial, fomos superando as dificuldades.

É importante salientar a necessidade de uma formação adequada do professor regente de turma, com cursos de capacitação e formação continuada, para atender essa nova clientela que está nas escolas e tem direito a um aprendizado de qualidade com respeito as suas diversidades.

As outras crianças ajudavam e incluíam-na nas brincadeiras, não a tratavam com diferença, também conseguimos fazer com que ela se desenvolvesse em aprendizagem, é na interação com seus pares que a inclusão acontece e não de forma isolada.

Trabalhar de forma a oferecer atividades variadas que valorizasse as diferenças e permitisse um aprendizado entre os indivíduos com suas diferenças foi um dos grandes desafios para mim enquanto educadora e para a escola em si, pois trabalhávamos juntos, os exemplos entre as relações estabelecidas é essencial para um clima afetivo que propicie a aprendizagem.

4. DOS ESTUDOS TEÓRICOS AS POSSIBILIDADES DE AÇÃO

Trabalhávamos de maneira simples, mas com firme propósito proporcionar aquela criança um desenvolvimento integral de acordo com suas possibilidades , as crianças da turma desde o início, aceitaram bem o colega e o ajudavam; professores, alunos, funcionários e direção trabalharam em equipe. E isto foi essencial para fazer com que aquela criança e outras se integrem com toda a

escola sentindo-se parte dela e também para permitir progredir dentro de suas possibilidades.

A Escola Municipal Brasilina Terra situa-se no bairro Marcial Terra, um dos bairros mais pobres de nossa cidade. A turma era formada por 19 alunos, destes 10 eram meninas e 9 meninos, as crianças na maioria eram moradores dos arredores, todos oriundos de famílias classe baixa, dessa turma somente 3 criança tinha frequentado Creche, 2 menina e 1 menino, na sala de aula procurávamos nos organizar em círculo sempre que possível, a Educadora Especial ficava junto na sala de aula, o trabalho era em conjunto, é claro que ela estava sempre atenta a aluna especial, motivando-a e ajudando sempre que ela não conseguia fazer alguma tarefa sozinha.

Quando a Kamily começou na escola, logo percebi que teria um grande desafio pela frente, ela é autista e apresentava sérios problemas na linguagem, sendo assim ela não conseguia se comunicar e o desenvolvimento motor também é comprometido, pois ela sequer conseguia tomar água sem ajuda, antes nunca tinha saído de sua casa, ou seja, a escola era o primeiro lugar que frequentava.

Os problemas de comunicação e socialização que ela tinha era desafiador para nós enquanto educadores, mas sabíamos da responsabilidade e principalmente que era preciso um comprometimento para que aquela criança tivesse a oportunidade de se desenvolver adequadamente, o que deveríamos fazer era oportunizar atividades adequadas.

Ao iniciar as aulas, com nove anos de idade, ela escolheu o lugar para sentar e todos os dias sentava no mesmo lugar, sendo que tinha como referência que após o lanche ia embora, pois não ficava a tarde toda, e quando por ventura o intervalo era dado antes do horário, ficava difícil de controlá-la, ela não queria permanecer na escola, o horário de escola para a Kamily era das 13h às 15h.

Ficou combinado que nesses primeiros períodos as atividades seriam mais práticas como: pracinha, capoeira, Educação Física, jogos de montar, bandinhas, pinturas com tintas e trabalhos com massa de modelar tudo com a intenção de trabalhar a motricidade fina e ampla e também a autonomia.

A Kamily era bastante insegurança, sempre que íamos a pracinha ela pegava uma de nós, professora, pela mão e queria que a acompanhássemos, porém como a Educadora Especial aconselhava que era preciso que deixássemos

ela vencer seus próprios desafios, tentávamos, que ela fosse sozinha. Nem sempre era possível, pois as dificuldades eram grandes.

Sempre que tinha Educação Física a Kamily ficava radiante, pois gostava muito de dançar e a professora procurava sempre trazer atividades do agrado dela, as outras crianças também gostavam, acredito que dançar era a atividade que mais gostava talvez pelo fato de ser uma forma livre de expressão; do corpo e da linguagem.

Acho relevante informar que até ir para a escola a Kamily era criada pela vó, e talvez por excesso de zelo o desenvolvimento tenha ficado comprometido, aprendeu a andar apenas com seis anos, entendo que quanto mais cedo a criança é desafiada maiores são as chances de desenvolvimento.

No dia que fomos à casa da cultura para assistir a uma apresentação, a mãe da Kamily ficou tão emocionada que até chorou, pois essa era a primeira experiência que sua filha tinha tido, a de frequentar uma apresentação, juntamente com os colegas, como uma criança “normal” dizia ela.

Todos os dias tinham atividades que envolviam a turma toda, mas sempre com um enfoque individual, pois a nossa intenção, minha e da educadora especial era que a Kamily conseguisse ter crescimento e desenvolvimento significativos.

Na pracinha sempre ajudávamos a descer e subir no escorregador, se embalar no balanço, pois ela tinha bastante dificuldade e por isso não se sentia segura e não conseguia realizar essas atividades, sozinha.

Quando se trabalha em equipe e com profissionais qualificados com certeza o trabalho fica bem melhor, pois certamente teria muitas dificuldades se fosse sozinha na turma, primeiramente por que as outras crianças também precisam ser trabalhadas, e depois tem a questão da qualificação, apesar de boa vontade e da preocupação em fazer o melhor, é preciso muito mais que isso, ou seja, é preciso capacitação e conhecimento científico, específico, e foi este diferencial que trouxe êxito ao nosso trabalho.

E foram dias de trabalho, jogos de encaixe, pracinha de brinquedos, um simples tomar suco era uma forma de exercitar a autonomia, danças, grupo de bandinha feito com materiais que as crianças mesmo fabricavam, num ambiente socializador entre as crianças e os professores.

Essas trocas de experiências entre as crianças certamente trouxe ganhos para ambas as partes, pois a Kamily ganhou em experiência e aprendizado,

enquanto que as demais somaram valores de solidariedade e cooperação e a sociedade ganhou futuros adultos menos preconceituosos, pois levarão na sua lembrança os momentos significativos que passaram juntos e a escola cumprir o que acredito ser o seu principal papel e de formar cidadãos.

Foi uma alegria quando Kamily conseguiu tomar água sozinha, uma vitória, a mãe não se continha de alegria, pois partilhamos com ela o que havia acontecido, a criança com autismo precisa ser estimulada desde cedo, quanto antes começa a ser trabalhada a socialização, mais rápida se desenvolve.

Algumas experiências ficaram marcadas, como quando ela balbuciou algumas sílabas, disse “vana”, achamos que ela quis dizer Geovana, como é gratificante ver os resultados aparecerem, claro que é preciso paciência, pois o progresso é lento, ao final do ano, já conseguia descer e subir no escorregador sozinha, sentia-se mais confiante e interagia com as crianças, que eram sempre receptivas com ela.

A inclusão dessa menina me colocou frente a uma realidade que eu pensava ser diferente, as crianças não tem preconceitos pelo contrário elas agem com naturalidade diante das diferenças, muitas vezes me deparei com situações de discussões, porém o motivo do desentendimento era a disputa de quem iria ajudar a coleguinha a várias dificuldades que tinha, seja na locomoção ou na comunicação com outras crianças.

Ela era recebida com alegria por todos da sala e a medida que conseguia superar seus próprios limites as crianças reagiam como uma vitória do grupo e isso é muito gratificante.

Bem no final do ano, depois da superação de vários obstáculos finalmente chegou o dia da formatura, que aconteceu na casa da cultura, tudo arrumado para o grande evento.

A Kamily estava lá feliz com sua família e nós enquanto escola mais realizados ainda, pois sabíamos que ainda há muito o que fazer, mas com a plena certeza do quanto ela cresceu e se superou, seja na autonomia, na comunicação e integração com os colegas ou na motricidade fina e ampla.

Assim que recebeu o diploma a família levou a menina embora, pois ela se agitou bastante devido ao movimento, saiu muito de sua rotina e não era só a turma dela, então o evento se estendeu bastante.

A educadora especial já conhecia a aluna da APAE,(Associação de Pais e Amigos de Excepcionais), pois antes de frequentar a escola regular ela era matriculada na APAE, onde a professora também trabalha.

O trabalho era diário de segunda a sexta das 13h até às 15h, com certeza se eu não tivesse tido esse apoio especializado, pois a professora que acompanhava a turma juntamente comigo em especial o caso do aluno com necessidades especiais, tinha curso de capacitação e especialização em educação especial, os resultados não seriam os mesmos, ou seja, a criança não teria tido a oportunidade de progredir como de fato teve.

Outro fator importante é a maneira como a comunidade escolar se posiciona em relação ao aluno, sendo que a equipe diretiva deve ser o suporte organizacional para que a escola se transforme num ambiente onde realmente aconteça a inclusão.

Ao mencionar os diretores, podemos destacar que são os responsáveis pelas providencias– de caráter administrativo – para a construção do projeto de inclusão na escola. Para Ross (1998), o diretor de escola inclusiva deve envolver-se na organização de reuniões pedagógicas, desenvolver ações voltadas aos temas relativos à acessibilidade universal, às adaptações curriculares, bem como convocar profissionais externos para dar suporte aos docentes e às atividades programadas. Ao mesmo tempo, o administrador necessita ter uma liderança ativa, incentivar o desenvolvimento profissional docente, favorecer e promover a participação de toda a comunidade escolar.

Segundo Fortunati (2007, p. 54),

[...] pode-se de forma figurada considerar a imagem do diretor como o coração e a alma da escola, pois, por meio de sua presença positiva ou negativa teremos uma unidade de ensino mais atuante, mais motivada.

Enquanto educadora acredito que toda a criança tem capacidade de aprender, que incluí-la não significa apenas matriculá-la numa escola regular, mas sim proporcionar a ela uma integração de fato fazendo com que ela se sinta parte integrante daquele ambiente, se sinta acolhida e querida por todos e para que isso

aconteça é preciso antes de tudo, ter um apoio profissionalizado com recursos especiais e específicos.

Foi isso que foi feito na Escola Brasilina Terra, apoio profissional adequado juntamente com a boa vontade e o trabalho em equipe de todos, professores, funcionários, alunos e familiares.

Dias (2006, p. 36) sinaliza que a inclusão deve ser um projeto ético-político, que resgate os ideais da educação e possibilite o “encontro com sua humanidade, porque, se não, a inclusão será um projeto moralizador que visa à adaptação a uma norma e a um padrão legitimado socialmente”.

O professor deve ter uma postura ética e acolhedora em relação aos alunos, pois afetividade é essencial para um trabalho junto com o aluno, caminhando juntos objetivando sempre o desenvolvimento aprender algo novo a cada dia, construir e reconstruir conceitos.

O papel do professor deve ser de proporcionar ao aluno um ambiente acolhedor, mas não somente isso, pois tudo deve fazer sentido e estar voltado para a aprendizagem de forma que as relações aconteçam numa perspectiva conjunta, do coletivo das crianças e com os outros adultos da escola e de fora envolvidos no processo ensino- aprendizagem.

Há necessidade de olhar para a escola procurando entendê-la como um lugar atravessado por verdades proclamadas pela ciência, cultura, pela economia. A escola serve não só para formação e orientação de um coletivo, mas, também, produz, cria outros perfis sociais (VARELA, 1995, p. 24).

Sendo assim a escola ganha o sentido de além de passar conteúdos, formar cidadãos com valores éticos e morais, o que nos faz repensar a questão da formação dos professores. Ressalto Paulo Freire, que nos alerta para o entendimento de “ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nos fazemos”(2009, p.43.).

Proporcionando assim aos alunos um conhecimento da realidade em que vivem, pois muitos deles vêm de famílias desestruturadas e outros desconhecem que as diferenças existem e que devemos respeitar cada um com suas individualidades de forma que sempre que for possível é importante que trabalhemos em conjunto para ajudar os colegas a vencerem os desafios de

aprendizagem e desenvolvimento, para que os mesmos possam situar-se no mundo e conhecer de maneira crítica a sua herança pessoal e coletiva para que tenham condições de mudar sua realidade sempre que necessário.

Procurando explicitar as semelhanças, diferenças, igualdade, cooperação e conflitos, levando o aluno a uma grande variedade de experiência para que ele possa expressar-se em valores éticos, morais, ter iniciativas, sabendo cooperar e sendo solidário, sendo que para, conhecer é preciso dialogar estar sempre em contato com os alunos, mas não de uma forma vertical, um detendo o conhecimento e o outro como receptor, mas sim de forma horizontal.

Segundo GADOTTI (1992), o educador para pôr em prática o diálogo e realmente conhecer os seus alunos, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Neste sentido, torna-se necessário que se tente outra possibilidade de idear a formação do professor, outra experiência, onde o ser humano seja valorizado e estimulado a se desenvolver em suas diferentes formas de existir.

No decorrer das minhas aulas pude perceber que a inclusão já é uma realidade nas Escolas, mas também é motivo de várias reflexões sobre o como acontece esta inclusão na prática, bem como os desafios e dificuldades encontrados pelos profissionais da educação que muitas vezes sentem-se despreparados os quais se questionam sobre como planejar e desenvolver práticas verdadeiramente inclusivas na Educação Infantil.

Certamente, não existe uma receita pronta, mas para que a aprendizagem possa acontecer com todos os aprendizes é preciso que o ambiente, bem como, toda a comunidade aceite as diferenças e trabalhe de forma intencional e motivadora, pois todos têm suas dificuldades e juntos uns aprendem com os outros de forma recíproca.

Os desafios sempre surgirão, porém é preciso antes de tudo que o professor busque a formação para que possa trabalhar com as diferenças de forma a contemplá-las com atividades que garantem também além da socialização o acesso ao conhecimento.

5. ANÁLISE REFLEXIVA

Segundo Freire (2009, p.24), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.”.

Ao refletir sobre o que Freire coloca, posso dizer que a reflexão foi uma constante durante nossa prática, pois sempre nos questionávamos se estávamos fazendo tudo o que deveria ser feito e foram estas dúvidas constantes que fez com que os acertos fossem maiores do que os erros, conforme Gadotti somente se colocando como aprendiz é que temos verdadeiramente um diálogo com a prática.

No decorrer do trabalho percebemos o crescimento da turma, sendo que a Kamile superou nossas expectativas, pois conseguimos desenvolver sua autonomia e confiança.

Segue fotos de algumas atividades realizadas com a Kamile na Escola Brasilina Terra:

Ficamos realizados o dia em que a Kamile conseguiu segurar o copo sozinha, pois isso não era uma possibilidade no início do ano letivo.









A primeira saída da Kamile fora da escola com a turma, uma apresentação na casa da cultura, ela gostava de dançar estava sempre nos convidando para que interagíssemos.



Na pracinha todos os colegas se sentiam responsáveis por ela, é gratificante perceber que a pesar dos valores de individualidade estarem presentes na sociedade capitalista, as crianças ainda permanecem solidária e extremamente humanas.



CONCLUSÕES

Ao término dessa pesquisa pude perceber o quanto é importante a valorização de aspectos como tolerância, acolhimento e ajuda na Educação Infantil em especial em se tratando de Educação Inclusiva, pois sem essa disposição dos envolvidos fica difícil de acontecer um inclusão de fato.

No decorrer da minha prática e estudos feitos na Especialização, pude perceber a importância que tem o acompanhamento de um profissional de Educação Especial, pois a partir do conhecimento adquirido através de leituras, discussões com os professores e colegas durante a especialização Docência na Educação Infantil e avaliando a minha própria prática ficou claro que sozinha fica difícil programar uma educação que promova a inclusiva de fato, pois para isto é preciso um saber profissional científico.

Outro fator primordial é estar sempre aberto as mudanças, não só os professores, mas também a direção, pois se não tivéssemos tido esta flexibilidade continuaríamos com as atividades costumeira, mas com a intenção de trabalhar e estimular a aprendizagem da Kamile, mudamos o currículo e colocamos as atividades práticas no horário em que ela frequentava a escola.

Daí a importância do trabalho em equipe, todos devem ter os mesmos propósitos e objetivos, o professor regente, a educadora especial, os funcionários e a direção, esse conjunto em ações resulta em práticas de respeito e valorização do outro, a escola se adaptando as necessidades dos sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Neste contexto a equipe diretiva deve organizar o espaço escolar, com pessoas que se preocupem com a valorização do ser humano em suas diferenças, e que traga para as reuniões pedagógicas discussões com o objetivo de buscar soluções para as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos, a formação continuada que pode ser feita na própria escola também é um fator que faz com que a equipe cresça em conhecimento.

As crianças na sua maioria são espontâneas e não tem preconceitos o que nos leva a pensar, será que são as experiências que vivem que as transformam em adultos preconceituosos. E que tipo de trabalho está sendo feito nas escolas, ou então o que não está sendo feito, pois formar cidadãos é dever da escola, o que

requer ainda maior atenção por nós educadores, pois tornar favorável as condições de vida das pessoas com necessidades especiais é essencial no âmbito escolar.

Outra questão que merece atenção é a flexibilidade que a instituição deve ter ao receber crianças especiais, pois deve se adaptar aos indivíduos e nunca ao contrário. A escola também deve ter um espaço adequado para as diferentes aprendizagens, com salas multifuncionais, rampas para acessibilidades, sendo que investir nesses aspectos também é Gestão.

O trabalho que tivemos com a Kamile foi de um aprendizado recíproco entre todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem e, além disso, foi muito gratificante para nós educadores ver o quanto ela se superou, a família também tomou consciência de que é preciso proporcionar a ela experiências de convívio com outras crianças, pois ela tem direito a infância e envolver a família nesse processo faz diferença.

Uma escola realmente inclusiva produz aprendizagem através do convívio, com programas e projetos pedagógicos onde todos têm as mesmas oportunidades de aprender, com espírito solidário e participativo, valorizando e respeitando as diferenças.

REFERENCIAS

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Traduzido por Gisela Wajskop, 4ed., São Paulo, Cortez, 2001.

BRASIL, MEC/ SEB/ COEDI. **Política Nacional de Educação Infantil**, 2006.

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIAS, S. **Educação e inclusão: projeto moral ou ético**. Educação e Subjetividade, Faculdade de Educação da PUCSP, Ano 1, n.02, p.17- 42, 2006.

FORTUNATI, José. **Gestão da educação pública**. Porto Alegre: Artmed, 2007

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. São Paulo: Cortez, 1992.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

Ross, P. (1998). **Pressupostos da integração/inclusão frente à realidade educacional**. [Resumo]. Em Resumos de comunicações científicas. III Congresso Íbero-americano de Educação Especial. Foz do Iguaçu. PR: Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação e do Desporto.

VARELA, J. **Categorias espaços-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo**. In: COSTA, M. V. (Org.) **Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS Editora, 1995.

Vygotsky, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

----- **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.